

Pais protestam contra o fim da Escola Candanga

Em manifestação na DRE de Ceilândia, eles repudiam alterações na vida escolar dos filhos, que perderam o turno de cinco horas

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do **Correio**

Quando implantada na rede pública de ensino, a Escola Candanga foi motivo de muitas queixas e confusão entre pais, alunos e professores. Diversos encontros foram necessários para que,

aos poucos, as dúvidas fossem esclarecidas. Agora, com a substituição do modelo pedagógico, tudo acontece de novo. Ontem um pequeno grupo de pais e professores se reuniu em frente à Divisão Regional de Ensino de Ceilândia, para protestar contra essa nova alteração na vida escolar dos estudantes.

Desta vez, o protesto é diferente. Há dois anos, o questionamento era: "Meu filho mal sabe escrever; como passou de ano?". Hoje mudou para: "Meu filho tinha cinco horas de aulas diárias; agora querem reduzir?".

Em Ceilândia, o turno de cinco horas para novas turmas acabou. Os colégios que tinham adotado a Escola Candanga voltaram a oferecer as antigas quatro horas diárias. "Queremos o retorno da Escola Candanga", exige a vendedora Solisângela Rocha, 23 anos, mãe de aluno da 1ª fase da Escola Candanga ou o equivalente no atual sistema.

E como outras cidades do Distrito Federal ainda têm escolas funcionando no sistema antigo, a comparação é inevitável: "Por que estamos sendo discriminados? Por que tiraram a Escola Candanga de Ceilândia e, do Plano Piloto, não?"

"Perdemos uma hora diária de aulas. Além disso, o professor, que dava atenção integral à turma do meu filho, agora tem que atender outra turma no outro turno. É claro que a qualidade do ensino vai cair, desse jeito", pondera a vendedora. O professor e pai de aluno José Edmar de Queiroz, 28 anos, engrossou o coro dos descontentes. "Matriculei meu filho, na escola em que está, porque era uma Escola Candanga. Agora não sei se quero que ele continue", reclama.

Mostrando um abaixo-assinado, ele afirma que diversos foram entregues à DRE para a continuação da Escola Candanga, sem ter sequer resposta da direção. "O diretor não nos atende", queixa-se Solisângela. A dona-de-casa Nilza Viana de Medeiros, 28 anos, também reclamava.

SEGURANÇA EXAGERADA

A diretora do Departamento de Pedagogia da Fundação Educacional, Anna Maria Villaboim, esclarece que a Escola Candanga não acabou. "Ocorre que não criamos nenhuma nova turma de ensino não-seriado (a Escola Candanga). Por isso, as crianças de seis anos que entraram agora estão em turmas seriadas que chamamos turmas de fase preparatória para a alfabetização", explica.

"A chamada Escola Candanga continua existindo em todas as regionais de ensino. Não há nenhum tipo de diferenciação no tratamento entre uma cidade e outra", garante a diretora. Com essas turmas e as da primeira fase do ensino não-seriado, será feita a comparação para o estabelecimento da política pedagógica definitiva do atual governo. "A secretaria vai contratar uma instituição fora da Fundação Educacional para avaliar as duas propostas de ensino", promete.

Não foram mais de 20 pais protestar e, ao lado do portão, estava uma dezena de policiais militares fortemente armados. Às 11h, quando não havia mais de meia dúzia de manifestantes, os policiais continuavam ali, um deles de escopeta em punho, protegendo, sabe-se lá, quem e de quê. Solisângela não teve dúvidas: pegou emprestado um celular e ligou para o comandante-geral da Polícia Militar, coronel Antônio Ribeiro. "Estão pensando que a gente é o quê? Bandido? Isso é repressão", espinafrou.

Paulo de Araújo



Policiais armados permaneceram em frente à sede da divisão de ensino até depois que os manifestantes se retiraram